

## EDITORIAL

O estudo da Escrita de Viagens, que, em grande medida, consolidou a área dos Estudos Anglo-Portugueses na NOVA FCSH, continua a atrair investigadores, ao mesmo tempo que tem vindo a adquirir novos corolários e perspectivas de análise. Na senda dos primeiros trabalhos produzidos neste âmbito, Rui Moura, em “Portugal: A Historical View of the Age of Revolutions, from 1814 to 1827, by an English Eyewitness”, apresenta uma investigação corrigida da obra de um militar britânico que participou nos acontecimentos relatados, mas que, havia sido, até agora, erradamente atribuída a Andrew Halliday. Embora possa ser facilmente integrada na Escrita de Viagens, a obra não constitui apenas um relato subjectivo das vivências pessoais de uma testemunha ocular, mas trata-se, antes, de um volume de grande envergadura, de cariz quase historiográfico – à semelhança das obras de Hew Dalrymple, de Charles William Vane ou de William Granville Eliot –, que ultrapassa em muito o simples registo de impressões decorrentes da observação individual. Em idêntico contexto, na recensão crítica à obra de Neill Lochery, *Lisbon: War in the Shadows of the City of Light, 1939-1945*, João Paulo Ascenso Pereira da Silva considera-a, justamente, uma “narrativa de viagem” a um passado recente, mas com indiscutível valor historiográfico, sobretudo de cariz sociocultural.

Por outro lado, a Escrita de Viagens tem recebido contributos importantes de outras áreas disciplinares como, por exemplo, os Estudos (Pós-)Coloniais, a Literatura Infanto-Juvenil ou os Estudos das Migrações, entre muitas outras. O presente número da *REAP/JAPS* inclui três casos paradigmáticos, na relação que os artigos estabelecem respectivamente com a Cultura Visual, o Orientalismo e o Jornalismo de Viagens. Assim, em “Macau na Geopolítica e na Cultura Visual Vitorianas: A Guerra do Ópio e a Presença Britânica na China no (Guia do) Panorama *Description of a View of Macao* (1840), de Robert Burford”, Rogério Miguel Puga alia as viagens virtuais à cultura visual vitoriana, a partir do guia do panorama de Macau, entendido simultaneamente enquanto representação histórica, instrumento ideológico ao serviço do império e produto cultural de cariz popular. Por seu turno, Nuno Miguel Santana Oliveira e Silva, em “The Portuguese Mr.

Bloom (?): Orientalism in *Ulysses* and in *Uma Viagem à Índia*" analisa comparativamente duas viagens ficcionais, reequacionando os conceitos de realidade e identidade, a partir dos pressupostos teóricos inerentes à definição de orientalismo, tal como preconizada por Edward Said. Por último, Gabriela Gândara Terenas, em "Travel Journalism and Anglo-Portuguese Relations during the Second Decade of the 20<sup>th</sup> Century (1913)", estuda a viagem a Portugal empreendida em 1913 por um grupo de jornalistas anglófonos, a convite da Sociedade Propaganda, enquanto um caso de jornalismo de viagens, tal como viria a ser concebido, mais tarde, por teóricos da segunda metade do século XX.

Os jornais têm sido, aliás, preciosas fontes primárias para diversos trabalhos sobre a imagem da Grã-Bretanha na imprensa lusa dos séculos XIX e XX, levados a cabo por diferentes especialistas em Estudos Anglo-Portugueses. Continua, todavia, por realizar uma pesquisa aturada sobre a representação dos Estados Unidos da América no periodismo com vista a obter uma visão mais ampla da presença da(s) cultura(s) anglófona(s) nesses jornais e revistas, nomeadamente no âmbito do projecto em curso, sediado no CETAPS e intitulado "Cross-Cultural Anglo-Portuguese Discourses and the Press". Neste contexto, o artigo de Teresa Pereira, "A 'grande republica fundada por Washington': Harriet Beecher Stowe, a Guerra Civil Norte-Americana e a Escravatura Estado-Unidense em *O Panorama*" constitui um contributo de relevo para o desenvolvimento do referido projecto.

A relação intrínseca, porque natural, entre os Estudos de Tradução, os Estudos Anglo-Portugueses e os Estudos de Recepção afigura-se, neste número, por demais evidente em quatro dos artigos aqui publicados. Desde logo, na secção de "Projectos", Miguel Alarcão, em "Chaucer e Camões", evoca a relação entre o poeta português e a Literatura Inglesa, sugerindo uma possibilidade de trabalho a desenvolver no futuro, tendo como ponto de partida a proximidade existente entre um episódio de um dos *Canterbury Tales* e outro de *Os Lusíadas*, indicativa, porventura, da influência do primeiro autor no segundo. Neste contexto, afigura-se oportuno recordar que já em 1992 se havia publicado, sob a coordenação da Professora Maria

Leonor Machado de Sousa, um volume colectivo intitulado *Camões em Inglaterra*, resultante da investigação desenvolvida no âmbito do segundo Mestrado em Estudos Anglo-Portugueses da NOVA FCSH. Tendo em vista o estudo da projecção da figura e da obra de Camões em Inglaterra, a obra inclui vários textos, na sua maioria dedicados à análise das traduções e dos tradutores de *Os Lusíadas* e da lírica de Camões para inglês, pelo que a proposta do autor parece dar, de algum modo, continuidade a esta iniciativa. Por outro lado, a algo paradoxal contribuição britânica no processo de tradução e edição da *Bíblia Almeida* constitui objecto de análise no artigo “Os Efeitos da Cooperação Britânica na Tradução, Edição e Popularização da *Bíblia Almeida*: Do Século XVII ao Século XIX” da autoria de Luís Henrique Menezes Fernandes. A discussão centenária que tem marcado a história e as teorias da tradução, sobretudo a partir das primeiras traduções da Bíblia para as línguas vernáculas, adquire, neste estudo, curiosos contornos anglo-portugueses, pois a secular oposição entre a tradução à letra e a tradução livre constituiu motivo de polémica, a propósito da versão de Almeida, tanto em Inglaterra como nas comunidades britânicas da cidade do Porto e da ilha da Madeira. Por seu turno, Jorge Bastos da Silva, num primeiro de uma série de artigos que prevê publicar em futuros números da Revista, propõe-se levar a cabo a tarefa de estudar a recepção da poesia miltoniana em Portugal, sobretudo através das traduções. Sob o título “Recepção da Obra de Milton em Portugal – Algumas Achegas (I)”, o autor centra-se em vários aspectos muito caros aos Estudos de Tradução como sejam a tradução (in)directa, o discurso crítico sobre a tradução ou as opções estilísticas e técnico-formais dos tradutores. Finalmente, David Evans, em “The Influence of Contemporary Social and Political Factors in the Translation of Kipling’s Poem ‘If’ into Portuguese: A Tentative Chronology (1910-1960)”, apresenta um levantamento crítico, contextualizado e inédito das traduções em língua portuguesa (de Portugal e do Brasil) do célebre poema, emblemático do mito vitoriano do império, de Rudyard Kipling. Espera-se, para breve, a análise das múltiplas versões aqui apresentadas (nomeadamente em apêndice) sob o ponto de vista dos Estudos de Tradução.

Curiosamente, o episódio histórico que esteve na origem da elaboração de “If”, o *Jameson raid* contra os bóeres do Transval, constitui o principal assunto estudado por Miguel Ribeiro Pedras, em “The Day a Portuguese Man Stopped a ‘World War’: Soveral and the 1896 Anglo-German Conflict”, da perspectiva da intervenção do Marquês de Soveral. Após o *Ultimatum* de 1890 – acontecimento marcante no âmbito dos Estudos Anglo-Portugueses –, Luís Maria Pinto de Soveral desempenhou um papel decisivo nas relações diplomáticas luso-britânicas. Trilhando o seu caminho com mestria, Soveral conseguiu, em grande medida, normalizar as relações anglo-lusas, perturbadas pela crise desencadeada em 11 de Janeiro, e consolidar a secular Aliança. Já foram estudadas várias das suas acções nesse sentido, como, por exemplo, o reforço das relações entre os dois Governos com vista a manter o império português em África; o seu empenho na elaboração da “Declaração Secreta Anglo-Portuguesa”, assinada em 1898; o planeamento da visita oficial de D. Carlos a Londres, em 1902, bem como a de Edward VII a Lisboa, no ano seguinte; a elaboração do texto do Tratado de Windsor de 1904; e, após a implantação da República, o apoio dado a D. Manuel durante o seu exílio na capital inglesa. Neste artigo, o autor dá a conhecer uma outra acção do diplomata português em Londres, no âmbito das complexas ligações existentes entre o Reino Unido e a Alemanha, mais uma vez a propósito da rivalidade entre estes países em África, nomeadamente em territórios onde Portugal também tinha interesses coloniais.

Os contornos da secular Aliança Luso-Britânica são retomados na recensão crítica da autoria de Iolanda Ramos ao romance histórico *Isabel I de Inglaterra e o Seu Espião Português* (2022), de Isabel Machado. Sublinhando a importância da Aliança numa época em que a Inglaterra e Portugal tinham um inimigo comum, a poderosa Espanha de Filipe II, a recensão sublinha vários aspectos relevantes para os Estudos Anglo-Portugueses, de entre os quais se destacam o exílio de D. António, Prior do Crato, em Inglaterra e a presença de uma forte comunidade portuguesa sediada em Londres, ao tempo do áureo reinado de Elizabeth I.

## EDITORIAL

Em Abril de 2024, o Departamento de Línguas, Culturas e Literaturas Modernas da NOVA FCSH, com o apoio do CETAPS, do IHC e da Embaixada Britânica em Lisboa, organizará um congresso internacional sobre o longo reinado de Elizabeth II. Esperam-se contributos no âmbito das relações luso-britânicas entre 1952 e 2022, os quais serão (a par de outros) considerados para publicação no próximo número da *REAP/JAPS*, dedicado justamente às relações anglo-portuguesas durante a segunda era isabelina.

Setembro de 2023  
*Gabriela Gândara Terenas*